

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO

RENATA PEREIRA CATRINACHO

**RELATÓRIO PARA REALIZAÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM *CAMINHOS APÓS
O CLARÃO: HISTÓRIAS DE SEIS MULHERES QUE SOBREVIVERAM À
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL***

SÃO PAULO

2º SEMESTRE DE 2021

RENATA PEREIRA CATRINACHO

**RELATÓRIO PARA REALIZAÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM CAMINHOS APÓS
O CLARÃO: HISTÓRIAS DE SEIS MULHERES QUE SOBREVIVERAM À
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

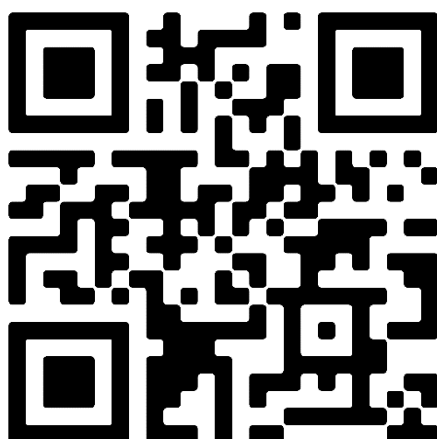
Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Sr.^a Prof.^a Dr.^a Denise Cristine Paiero.

SÃO PAULO

2º SEMESTRE DE 2021

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de sua autora.

ACESSO AO PRODUTO ON-LINE



Livro on-line

https://issuu.com/home/published/caminhos-ap_s-o-clar_o_livro-final

Data de upload:

23/11/2021

Aos sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, principalmente às mulheres imigrantes e refugiadas que reconstruíram suas vidas no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Deixo meus sinceros agradecimentos a todos que participaram de alguma maneira da minha trajetória acadêmica e pessoal.

Primeiramente, à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Denise Cristine Paiero, que além de me guiar em todos os processos do meu trabalho de conclusão de curso, conseguiu me acalmar e me passar a confiança que eu necessitava até antes da efetivação do planejamento.

Aos meus pais, que sempre me garantiram o melhor ensino e me incentivaram em todos os meus caminhos. Especialmente, à minha mãe, que é o meu maior exemplo do que eu desejo me tornar um dia e que foi o meu alicerce, não somente durante a realização deste trabalho, mas em todas as fases da minha vida.

Quero agradecer à minha avó Cicera Pereira Evangelista, minha segunda figura materna, que sempre se faz presente, me colocando em suas orações. Também aos meus padrinhos, que acreditaram em mim e estiveram me apoiando, mesmo que de longe.

À minha prima Gabriella Pereira Pilon, pois sem seu suporte eu não teria dado conta das etapas necessárias. Não posso esquecer de agradecer aos meus outros primos, que deram suas opiniões ao longo do projeto, principalmente à Deborah Gofert.

Aos meus amigos, que foram fundamentais para a execução do trabalho, com seus conselhos e estímulos: Felipe Gustavo, Isabela Aranda, Letícia Bugarin, Mateus Ribas, Sophia Witzel, Thábata Bauer e Zeinab Bazzi.

Um enorme agradecimento a cada uma das fontes que concederam um tempo para as entrevistas. Essencialmente, às mulheres que, ainda com rotinas corridas, foram muito solícitas e gentis em todos os momentos.

À Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Tucci Carneiro, que me ajudou na parte da procura por entrevistados e me esclareceu dúvidas sobre a época analisada.

Por fim, agradeço às profissionais, a diagramadora e ilustradora Luiza Carvalho Pelorca e a revisora Laís Pedroso, que foram compreensíveis em cada ocasião e fundamentais para a conclusão da obra.

“A guerra foi vencida – mas não a paz.”

(Albert Einstein)

RESUMO

Este relatório teve como o principal objetivo a produção do livro-reportagem *Caminhos após o clarão: Histórias de seis mulheres que sobreviveram à Segunda Guerra Mundial*. A pesquisa teve como base a Segunda Guerra Mundial e os imigrantes e refugiados que se deslocaram para o território brasileiro durante ou posteriormente ao período. No fundamento teórico foram utilizadas referências bibliográficas que pudessem explicar o tema retratado, o produto, a linguagem e a abordagem. Além disso, algumas obras também serviram como modelo para a escrita literária da peça. Entre as principais, podem-se destacar: *A Sangue Frio*, de Truman Capote, *Hiroshima*, de John Hersey e *O Voyeur*, de Gay Talese. A trama conta diferentes histórias de mulheres que passaram por momentos angustiantes devido ao conflito bélico e, por conta de distintos motivos, buscaram no Brasil um novo rumo para suas vidas. Diante disso, a narrativa foi construída a partir de relatos das próprias personagens. Para verificar a veracidade dos fatos descritos, foram realizadas buscas online de acordo com os dados históricos e as localidades habitadas pelas fontes. No desfecho da publicação, o leitor ainda pode descobrir como essas personalidades femininas estão nos dias de hoje.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; Mulheres imigrantes e refugiadas; Jornalismo; Livro-Reportagem.

ABSTRACT

This report had as its main objective the production of the book-report *Paths after the flash: Stories of six women who survived the World War II*. The research was based on the Second World War and immigrants and refugees who moved to the Brazilian territory during or after the period. In the theoretical basis, bibliographical references that could explain the portrayed theme, the product, the language and the approach were used. In addition, some works also served as a model for the literary writing of the play. Among the main ones, the following stand out: *In Cold Blood* by Truman Capote, *Hiroshima* by John Hersey and *The Voyeur's Motel* by Gay Talese. The plot portrays different stories of women who went through distressing moments due to the military conflict and, for different reasons, sought a new direction for their lives in Brazil. Therefore, the narrative was based on accounts of the characters themselves. To verify the veracity of the facts described, online researches were carried out according to historical data and the locations inhabited by the sources. At the end of the publication, the reader can still discover how these female personalities are nowadays.

Keywords: World War II; Immigrants and refugees women; Journalism; Book-Report.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
1.1. Segunda Guerra Mundial.....	12
1.1.1. Imigrantes e refugiados no Brasil durante e pós-guerra.....	13
1.2. Livro-reportagem.....	15
1.3. Jornalismo Literário.....	16
1.4. Jornalismo Humanizado.....	17
2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA.....	18
1.5. Pré-produção.....	18
1.6. Produção.....	20
1.7. Pós-produção.....	23
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	27
APÊNDICES.....	31

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso busca relatar, em formato de livro-reportagem, a perspectiva de mulheres que viveram a Segunda Guerra Mundial e se deslocaram para o Brasil durante ou após o período.

O conflito bélico teve início no ano de 1939, conforme afirmam Vicentino e Dorigo (2010, p. 645). Ainda de acordo com os autores, as principais causas englobam a crise de 29, o Tratado de Versalhes, o sentimento nacionalista e o crescimento do nazifascismo na Alemanha. (Ibid., p.647). O estopim da guerra global foi o desejo de expansão territorial das forças alemãs em relação ao Porto de Dantzig, na Polônia (Ibid.). Também mencionam que a Inglaterra e a França haviam feito um pacto de apoio com o governo polonês, em caso de invasões. (Ibid., p.646).

Conforme diversas fontes, sobretudo Gasparetto Junior (s.d., online), a Segunda Guerra Mundial estava segmentada em dois grupos: Eixo e Aliados. Entre os principais do Eixo, estavam envolvidos a Alemanha, a Itália e o Japão. E aqueles à frente dos Aliados encontravam-se os Estados Unidos, a União Soviética, o Reino Unido e a França. (Ibid.). Segundo Moraes e Calixto, 72 países participaram de operações militares, entre eles o Brasil. (MORAIS; CALIXTO, 2018, online).

O confronto finalizou-se em 1945 por rendição do lado do Eixo (VICENTINO; DORIGO, 2010, p.649-650). O período resultou em imensa destruição e em milhares de perdas. Acredita-se que o gasto material foi maior que 1 bilhão e trezentos milhões de dólares e que a guerra deixou mais de 30 milhões de feridos. (Ibid., p.651). Entretanto, de acordo com Bauer (2019, online), há divergências quanto ao número de mortes. A maioria acredita que tenham sido 55 milhões de falecidos na Europa e na Ásia. Por outro lado, há quem diga que foram 80 milhões de vítimas.

Por causar diversos impactos em escala global, é possível afirmar que a Segunda Guerra Mundial foi um grande marco para história. Entre as principais consequências trazidas pelo combate estão: a Guerra Fria, a criação da ONU e a divisão do território alemão. (VICENTINO; DORIGO, 2010, p. 652). Segundo o IBGE (2020, online), cerca de 56.639 imigrantes chegaram ao Brasil entre 1939 e 1945. Não foram encontrados dados sobre as nacionalidades dos imigrantes durante a guerra, apenas períodos pré e pós. Quanto aos quatro anos após o conflito, entre 1945 e 1949, aproximadamente 80.424 pessoas imigraram para o Brasil. Esses indivíduos eram, especialmente, alemães, espanhóis, italianos, portugueses e japoneses. No

que diz respeito às mulheres imigrantes e refugiadas dessa época, há poucos trabalhos que se debrucem sobre o assunto e, por isso, é difícil encontrar registros. Sobretudo, de acordo com Roberta Peres e Rosana Baeninger (2013, p.4), a migração feminina em geral não é normalmente a prioridade para as pesquisas, tal como na parte teórica e no recolhimento de dados.

Em vista de todas essas circunstâncias, este projeto pretende responder a seguinte pergunta-problema: como um livro-reportagem pode contar, utilizando a técnica literária, histórias das imigrantes e refugiadas que chegaram ao Brasil durante ou após a Segunda Guerra Mundial?

O trabalho teve como objetivo principal produzir um livro-reportagem, a partir de histórias de mulheres que vivenciaram a Segunda Guerra Mundial e vieram para o Brasil, tanto como imigrantes quanto como refugiadas. Os objetivos secundários foram: estudar o contexto da Segunda Guerra Mundial, entrevistar mulheres que foram refugiadas e imigrantes na época, conversar com algum especialista sobre o assunto, pesquisar o número de pessoas que vieram para o Brasil no período durante e pós-guerra e compreender a importância dessas imigrantes e refugiadas para a história do Brasil.

O exercício jornalístico auxilia diretamente como fonte ou instrumento para o relato dos fatos. Portanto, o jornalismo está interligado diretamente à História. (MARQUES DE MELO, 1999, *apud* ROMANCINI, 2005, p.2). Certamente, a Segunda Guerra Mundial tem enorme relevância para a sociedade, especialmente para o Brasil, já que os principais acordos firmados pelo país no período pós-guerra foram com nações impactadas pela guerra, como Itália, Espanha, Japão e Holanda. O país assinou acordos para realizar a admissão dos imigrantes, sendo um dos primeiros a se envolver com tal ação. (BASTOS; SALLES, 2014, p.154).

Por se tratar de um período marcante, o tema já foi retratado de diversas maneiras e em diversos âmbitos, porém coube ao jornalismo trabalhar na perspectiva de meio de construção da história mundial. Além disso, o livro-reportagem, como escolha de produto, é capaz de demonstrar outro ponto de vista da Segunda Guerra Mundial, baseado nos relatos das imigrantes e refugiadas. Segundo Edvaldo Lima (2009, p.18), o dever desse estilo de peça é reatualizar, ou seja, o livro pode trazer um outro olhar para um assunto antigo, que por muitas vezes pode ser a grande razão do procedimento de resgate.

A decisão de utilizar a literatura como estilo de escrita pode ser explicado pelo

fato de o Jornalismo Literário auxiliar o escritor a entender melhor o contexto de sua fonte e a passar maior credibilidade à narrativa. A literatura tem como função relatar acontecimentos jornalísticos com o intuito de aproximar à realidade. (PAZ; FERREIRA; SIMAS, 2017, p.11). O Jornalismo Literário exerce o dever da prática jornalística de noticiar, mas tem alteração em seu formato narrativo e um aprimoramento no vocabulário e no tema retratado. Além disso, ajuda na construção de um enredo repleto de contexto, personagens, cenários e recursos linguísticos. (WEISE, 2013, p.1-2).

O interesse pessoal no assunto se refere à proximidade que já tive em certos momentos, visto que estudei em um colégio alemão. Quando realizei um intercâmbio para Alemanha, em 2017, me hospedei em uma residência que fora uma das únicas da rua a permanecer quase intacta pela guerra. Ademais, em uma conversa, um senhor, que veio como imigrante para o Brasil, me contou um pouco sobre sua trajetória. Todas essas informações me despertaram uma maior curiosidade no tema.

Como estratégia de apuração, foi necessário coletar dados e fatos daquele período. Porém, a parte mais crucial do trabalho foi entrevistar imigrantes e refugiadas que vieram para o Brasil na época, a fim de mostrar suas histórias de vida, suas perspectivas da guerra e da saída de seus respectivos países. Além dos personagens, conversei com uma especialista da área, como forma de melhorar a compreensão do contexto.

Ademais, a metodologia teórica teve como base artigos, livros e trabalhos acadêmicos relacionados ao tema. O levantamento bibliográfico inclui fontes que abordam o produto, a linguagem e a abordagem utilizadas, como *Páginas Ampliadas: o Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura* (2009), livro de Edvaldo Pereira Lima, *Jornalismo Literário*, publicado em 2006 por Felipe Pena, e *Contribuições teóricas de Cremilda Medina para pensar complexamente o jornalismo* (2018), escrito por Winch.

Também foram usadas bibliografias que refletem sobre o tema abordado, como *A Segunda Guerra Mundial: Os 2.174 dias que mudaram o mundo* (GILBERT, 2014) e *A Segunda Guerra Mundial – Conflito e Violência* (COGGIOLA, 2017). E para a visualização do cenário dos imigrantes no Brasil, foram lidos o trabalho acadêmico de Ione Oliveira (2013), *Imigrantes e Refugiados para o Brasil após a Segunda Guerra Mundial*, e o livro de Fabio Koifman (2015), *Imigrante ideal*. Livros renomados também

foram utilizados como fonte de inspiração de escrita, como *A Sangue Frio* (CAPOTE, 2003), *Hiroshima* (HERSEY, 2002) e *O Voyeur* (TALESE, 2016).

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

De acordo com Martin Gilbert, a Segunda Guerra Mundial durou entre setembro de 1939 e agosto de 1945, contabilizando 2.174 dias. (GILBERT, 2014, n.p.). O autor ainda conta que a respeito do ataque alemão ao território polonês – que originou o conflito –, Adolf Hitler não tinha apenas como intuito retomar as terras perdidas no ano de 1918, mas também submeter a outra nação ao comando da sua (Ibid.) A Schutzstaffel, conhecida como SS, deveria aniquilar os opositores do Partido Nazista. Entretanto, os 24 mil soldados não atacariam somente os judeus, como também a população civil polonesa, que era apenas vítima. (Ibid.).

‘Esses massacres de civis não foram realizados apenas pelos países do Eixo, mas também pelos Aliados, que Osvaldo Coggiola exemplifica com os ataques em Dresden, na Alemanha, e os bombardeios em Hiroshima e Nagasaki, no Japão. Durante o conflito, cerca da metade dos combatentes perderam suas vidas na região polonesa. Ademais, dos quatorze milhões de indivíduos mortos, grande parte era constituída por mulheres, crianças e idosos. (COGGIOLA, 2017, p. 95).

Nessa época, nos campos de concentração, os judeus eram usados como mão de obra e cobaias em testes clínicos. Posteriormente, os prisioneiros eram exterminados em câmaras de gás. (HILBERG, 2016, p.1138 e 1160). Hasse e Sperandio (2016, p. 338) informam que os demais países sabiam sobre o que se passava dentro dos territórios alemães, mas isentaram-se por um certo período. O governo nazista obtinha apoio da maioria do povo e além disso, batalhar contra um regime ditatorial era visto com complexidade, visto que passariam por severos resultados, incluindo a pena de morte.

Em contrapartida, Coggiola (2017) afirma que o preconceito e os experimentos não eram somente por parte dos nazistas. Um exemplo são os Estados Unidos, que sujeitaram mais de 600 de seus cidadãos a exames nucleares durante a guerra, destes 18 faleceram por conta de injeções de plutônio. “O racismo e a barbárie foram multidirecionais. O assassinato em massa de civis foi política sistemática da parte de todas as potências envolvidas.” (p. 95).

Em 1942 ocorreu o primeiro sinal de reviravolta da Segunda Guerra Mundial, com a perda de 100 mil soldados alemães na batalha de Stalingrado, remetendo à metade dos ativos em combate. A partir desse fracasso, se iniciaria o processo retrógrado da Alemanha. Após diversos ataques de ambos os lados e perdas por maior parte do Eixo, o confronto foi cessado pela Alemanha quando a União Soviética se juntou aos Aliados, fazendo com que o exército alemão se rendesse em Berlim. (Ibid., p. 105 e 107).

1.1.1. Imigrantes e refugiados no Brasil durante e pós-guerra

Os termos “imigrante” e “refugiado”, geralmente, são confundidos e utilizados como se tivessem o mesmo significado. Entretanto, em uma entrevista para a Revista do Instituto Unisinos, a antropóloga Denise Jardim que explica a diferença entre as palavras está nas razões que levaram esses sujeitos a deixarem suas terras natais. A escolha dos imigrantes pode estar atrelada à resolução das dificuldades encontradas em seus países de origem, como as econômicas. (ZANONI, 2011, p. 25). Ainda, de acordo com a Lei 13.445/2017, o imigrante é classificado como a “pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil”. (ENRICONI, 2017, online).

Enquanto isso, os refugiados estão ligados a um direito internacional, que atualmente não se categoriza apenas para a busca de abrigos por conta de confrontos armados, mas também devido a qualquer tipo de ameaça à vida dos indivíduos. (ZANONI, 2011, p. 26), visto que estão associados “com os mais diferentes tipos de perseguição: de etnia, religião, nacionalidade, grupo social, convicção política, entre outros.” (ENRICONI, 2017, online).

Anteriormente à guerra, nos anos de 1930, houve uma diminuição na entrada de imigrantes europeus nos países americanos. Em vista do contexto em que o Brasil se encontrava, com visões antagônicas sobre os imigrantes, admitiu-se limites em relação à imigração. O governo de Vargas visava proteger o proletariado brasileiro e da ameaça de desenvolvimento de Estados dentro da nação brasileira. (OLIVEIRA, 2013, p. 3).

Em 1938, originou-se o Conselho de Imigração e Colonização. O conhecido como CIC deveria padronizar e organizar as ações dos ministérios que eram responsáveis pela imigração e colonização. O Conselho foi autorizado a administrar a entrada de imigrantes, contanto que mantivesse a constituição étnica do país, os

aspectos políticos e os interesses econômicos e políticos. Sendo assim, o controle dos imigrantes estava atrelado às políticas do Estado. (Ibid., p. 3-4).

Diferentemente de outras nacionalidades, os cidadãos portugueses e os de naturalidade americana tinham liberdade para entrar no Brasil, pois não prejudicariam a cultura e origens do país. Portanto, os demais imigrantes se sujeitavam aos parâmetros exigentes estipulados pelo governo. Os encarregados pela separação dos imigrantes não pretendiam somente conservar a identidade nacional, mas também tinham como propósito aprimorar a genética dos brasileiros. (KOIFMAN, 2015, n.p.).

Em 1945, apesar de ter sido sancionada a lei que reinstaurava a imigração no Brasil, permaneceram as mesmas normas do sistema de cotas de 1934 – apenas 2% da totalidade do ingresso de cada nacionalidade no país entre 1884 e 1934. (SALLES, 2002, p. 103). Após a Segunda Guerra Mundial, o fluxo migratório no Brasil é caracterizado pela preferência por grupos de técnicos e profissionais. Por isso, esses indivíduos foram para as áreas urbanas, principalmente para a cidade de São Paulo. Vale ressaltar que, visando a mão de obra, o Brasil foi um dos pioneiros a se dispor à escolha dos refugiados, denominados na época como “deslocados de guerra” – compostos por alemães e austríacos que tiveram que se mudar de suas nações e trabalhar nos campos de concentração durante a guerra. (Ibid., p. 100-101).

Oliveira afirma que entre 1946 e 1947, o Brasil não recebeu nenhum imigrante alemão. Em 1947, por conta do início do deslocamento de refugiados, a Missão Militar trouxe 2.400 indivíduos para o território brasileiro. Entre os anos de 1948 e 1949, entraram 4.200 alemães e 13.900 refugiados da Alemanha Ocidental no país. (2013, p. 6 e 13). O número do ingresso desses “deslocados de guerra” no país era consideravelmente menor do que de outras nações, como Portugal, Itália e Espanha. (SALLES, 2002, p.104).

Os dados referentes às mulheres imigrantes e refugiadas no Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial foram dificultosos de encontrar, uma vez que não há muitos estudos específicos a respeito deste tema. De acordo com Gláucia Assis (2007, p. 749), embora tivesse um aumento da presença feminina nas migrações externas na segunda metade do século 20, “a perspectiva teórica – presente nos estudos de imigração até o início dos anos 1970 – era ‘cega’ em relação às diferenças de gênero, raça e etnia”.

Assim, foi possível encontrar apenas informações de imigrantes femininas no Estado de São Paulo e suas nacionalidades, porém sem distinção de períodos. De

1897 a 1978, o estado recebeu 9.750 imigrantes espanholas. Já o número de imigrantes alemães do sexo feminino entre 1917 e 1977 na região foi de 601. Todavia, a segmentação de gênero dos imigrantes italianos que vieram para São Paulo somente pôde ser observada em relação ao estado civil: foram 7.759 mulheres entre 1947 e 1978. Por fim, desde 1947 até 1994, o total de imigrantes iugoslavas que se deslocaram para o local foi de 481. (SALLES et al., 2013, p. 23, 26 e 36-37).

1.2. LIVRO-REPORTAGEM

Eduardo Belo (2017, online) conta que não se sabe ao certo quando surgiu o livro-reportagem, mas que teve enorme força como um subgênero da literatura nos países europeus no século XIX. Na Europa, o jornalismo não era tão factual, sendo mais explicativo, por vezes podia até ser opinativo. Sendo assim, o modelo europeu é dissemelhante ao estadunidense, empregado no Brasil. A pirâmide invertida e o *lead* utilizados pelos jornalistas dos Estados Unidos também são utilizados na Europa, porém com menor proporção. John Reed, jornalista americano do século XX, é considerado por diversos teóricos da comunicação como um dos pioneiros do Jornalismo Literário e criador do livro-reportagem moderno – mesmo que não tenha o primeiro a produzir narrativas factuais.

Edvaldo Lima sugere que tenham diferentes formas de livros-reportagem. Para ele, cada variedade tem seu propósito, que a partir de seu enredo exerce o dever de informar e instruir, e a essência do conteúdo abordado. Por isso, o autor os classifica em: perfil, depoimento, retrato, ciência, ambiente, história, nova consciência, instantâneo, atualidade, antologia, denúncia, ensaio e viagem. (LIMA, 2009, p. 51-59). Além disso, Lima define a concepção de um livro-reportagem como “um veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos”, considerando o grau de amplitude como uma maior relevância dada ao assunto destacado. (Ibid., p. 26).

Similarmente, Rodrigues (2010, p. 10 e 12) compactua da mesma ideia. Ele entende que o papel de um livro-reportagem amplia o do jornalismo tradicional, pois o escritor pode decidir seu enfoque e direção dos fatos, o que permite que esse estilo de peça possa englobar um maior conjunto de eventos, que, a partir de sua narrativa, serve como um mediador entre o leitor e a realidade em que está inserido. Para mais, a grande mídia não mostra todo o contexto e os personagens associados ao assunto.

Ademais, Lima (2009, p. 48) ressalta a necessidade de o livro-reportagem conter uma pesquisa de dados a fim de interligar fatos e situações antigas, porém também deve associar eventos que não estejam diretamente vinculados ao período do conteúdo abordado. Ele cita como exemplo a obra de John Hersey, *Hiroshima*, na qual o autor consegue relacionar como a bomba atômica e como a rendição do exército japonês na Segunda Guerra Mundial influenciaram a vida, a cultura e os costumes japoneses.

1.3. JORNALISMO LITERÁRIO

De acordo com Felipe Pena (2006, p. 29), o jornalismo popular deu início entre 1830 e 1840, tendo como fundamento o capitalismo. Nessa época, divulgar relatos de forma literária nos periódicos ampliava as vendas e permitia baixar seus valores. Por sua vez, os escritores tinham suas obras e nomes vistos pelo público. Desse modo, o vínculo entre o jornalismo e literatura permaneceu em vigor até os anos iniciais do século XX. O jornalismo utilizava o método literário para relatar os acontecimentos, porém, em seguida, foram os escritores que se aproveitaram do jornalismo para que o povo tivesse conhecimento sobre seu conteúdo. (MAGALHÃES; PIMENTA, 2018, online).

Joana Santos explica que o Jornalismo Literário não tem um começo definido, em vista que não foi elaborado por um escritor em particular. Todavia, o gênero, como se conhece hoje em dia, pode ter sido auxiliado por certos acontecimentos entre a metade do século XX e o início do século XXI, visto que, anteriormente, o jornalismo e a literatura costumavam ser confundidos. Por outro lado, Santos afirma que os dois modos de escrita não estão exatamente ligados, pois um lida com os fatos e o outro usufrui da criatividade. (SANTOS, 2017, p. 14).

O Novo Jornalismo, conforme Magalhães e Pimenta (2018, online) defendem, ocorreu após o jornalismo desfazer-se dos aspectos literários em suas matérias, tendo a realidade como responsabilidade e um conteúdo mais objetivo. Mais precisamente, o movimento surgiu por volta de 1960. Os jornalistas dos Estados Unidos haviam decidido descrever a situação através de uma matéria informativa, fundamentada em aspectos do romance realista. (DOMINGUES, 2013, p.188). Entre os principais escritores desse modelo jornalístico, Domingues cita Gay Talese, Truman Capote e Tom Wolfe, além do brasileiro Caco Barcellos. (Ibid., p. 194-203).

Pena (2006, p. 13-14) apresenta sete pontos para formar o conceito de

Jornalismo Literário. O primeiro é que esse gênero vai além de se afastar da linha do jornalismo tradicional ou de escrever literariamente um livro-reportagem. Apesar da utilização do jornalismo cotidiano para criar novos métodos, ainda mantém certos fundamentos tradicionais, como a conduta ética, a investigação e a facilidade de se expressar.

Outro tópico destacado é o desligamento com a regularidade e a contemporaneidade, ou seja, o Jornalismo Literário tem a função de exceder essas demarcações e dar uma perspectiva geral dos fatos. Ademais, ele define mais uma característica para esse estilo de escrita: apresentar o contexto para que englobe o máximo de elementos sobre o tema. Praticar cidadania a partir do ponto de vista escolhido e desfazer dos laços com o *lead* são outros aspectos citados. O autor também considera importante que os jornalistas literários entrevistem fontes que geralmente não têm muita aparição nas matérias habituais. Por fim, Pena aponta a eternidade como mais um fator, servindo de inspiração para o imaginário coletivo ou de cada indivíduo. (Ibid., p. 14-15).

1.4. JORNALISMO HUMANIZADO

Cremilda Medina expõe que tanto um discurso de viés objetivo quanto a demonstração da verdade por meio das reportagens são somente formas de garantir um jornalismo reducionista. Segundo a autora, para a realização efetiva do jornalismo de cunho humanitário, serão necessárias a busca e a prática das dialogias. As estratégias jornalísticas podem incentivar uma narrativa reducionista, que também gera pré-julgamentos correlacionados a coletivos, etnias e circunstâncias. (MEDINA, 2003, *apud* WINCH, 2018, p. 99-100). Medina, ainda, compreende o jornalismo como o principal integrante da comunicação social, no qual tem como dever desenvolver sentidos para a sociedade. Devido à dificuldade de relatar os fatos escolhidos, o jornalismo também precisa ser um agente cultural receptivo que intermedia pessoas e povos em uma rede de diálogos. O jornalista como mediador-autor tem que se dedicar de maneira afetiva com o próximo e entender as diversas concepções de mundo. (Ibid.).

O modo como Jorge Ijuim reflete se relaciona com o de Cremilda. Em entrevista para a Revista Alterjor, Jorge afirma que enxerga o jornalismo humanizado como uma forma de elaborar histórias. Para ele, essa abordagem começa anteriormente à pauta, especificamente na consciência do repórter. Já na apuração, o profissional necessita

estabelecer relações com certos indivíduos, e não com objetos. Também não se deve obter qualquer preconceito a respeito de seus entrevistados. (BORTOLI, 2016, p. 9).

Ijuim declara que a Medina foi de grande influência para seu estudo sobre o tema. Todavia, ele aponta que nem mesmo a pesquisadora faz o uso do termo jornalismo humanizado, visto que sua utilização não é recorrente. (Ibid., p. 6-7). Em sua opinião, a humanização não é somente mais um ramo da profissão, e sim uma concepção, visto que o jornalista sustenta a ideia de “um jornalismo em que o ser humano seja o ponto de partida e o ponto de chegada.” (Ibid., p. 8).

Diferentemente da mídia diária, a narrativa humanizada apresenta o homem como personagem principal. Além disso, com a humanização, o jornalista pode se aproximar do relato, a fim de comunicar ao público o máximo de detalhes do contexto em que se encontra. Geralmente isso também não é possível nos hábitos jornalísticos, por conta do *deadline* e do uso da internet para conseguir os dados. Por isso, quando os repórteres não estão em seu externo de trabalho perdem a essência humanitária. (MONTIPÓ, 2011, p. 6 e 7).

2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

2.1. PRÉ-PRODUÇÃO

A ideia deste trabalho era produzir um livro-reportagem que abordasse as experiências de imigrantes e refugiados que se deslocaram de suas terras natais para o território brasileiro durante ou após o período da Segunda Guerra Mundial. O intuito era mostrar as dificuldades e as consequências trazidas, por meio de uma narrativa literária e uma abordagem humanizada para que o leitor tivesse maior proximidade com os acontecimentos.

Nessa peça jornalística, o conteúdo sobre a Segunda Guerra Mundial é apresentado de forma ampla. A amplitude é reconhecida por Edvaldo Lima como uma das características essenciais de um livro-reportagem. (LIMA, 2009, p.26). Como já citado no referencial teórico, o livro-reportagem é definido por Lima como um produto impresso aperiódico que é capaz de se aprofundar mais no tema escolhido do que as matérias cotidianas. O Jornalismo Literário está atrelado a esse modelo, pois não precisa dos métodos utilizados pelo jornalismo tradicional, como o *lead*. (PENA, 2006, p.13-14). Sendo assim, escolhi a literatura como linguagem a fim de escrever uma narrativa mais livre e que consiga situar o leitor de toda a circunstância. Ademais, o assunto que apresento no livro-reportagem é baseado em um acontecimento do

passado. Por isso, decidi utilizar justamente esse estilo de escrita, o qual não necessita ter ligamento com a atualidade. Entretanto, assim como Lima (2009, p. 48) afirma, o livro-reportagem deve interligar esses fatos antigos aos contextos que estejam desvinculados à época, o que pretendi fazer. A narrativa é acerca dos episódios das épocas durante e após a Segunda Guerra Mundial, mas também conta com as influências das ocorrências na vida das fontes.

Esses entrevistados são indivíduos que normalmente não são utilizados em matérias do cotidiano, bem como deve trazer o Jornalismo Literário. (PENA, 2006, p.15). Diante disso, a abordagem selecionada também se relaciona, pois o jornalismo humanizado tem exatamente essa concepção de que os sujeitos devem sempre fazer parte da peça. (MONTIPÓ, 2011, p. 6). A partir da humanização, o mediador-autor deve empenhar-se de forma amistosa às outras pessoas. (MEDINA, 2003, *apud* WINCH, 2018, p. 99-100).

Logo, busquei escrever um enredo repleto de detalhes, em que o leitor consiga enxergar amplamente o horror da guerra e o que esses imigrantes sofreram durante esse período. Conforme informado anteriormente, o jornalista pode ter mais proximidade com o evento relatado (MONTIPÓ, 2011, p. 6-7), no entanto, como se trata de algo do passado, essa aproximação ficou por parte das fontes e dos dados analisados. Sendo assim, a narrativa conta com descrições de cenas a partir da visão de cada personagem. Além disso, como um dos aspectos observados por Jorge Ijuim sobre a humanização, é a necessidade de vencer qualquer tipo de prejulgamento, com a finalidade de trazer um fato escrito de maneira respeitosa (BORTOLI, 2016, p.9). Portanto, em todo o desenvolvimento do produto, levei em conta a história e a cultura dos povos.

Outrossim, o Jornalismo está associado à História por diversas razões, de forma que as duas práticas se auxiliam mutuamente. Um dos exemplos é que o jornal pode servir como documento, facilitando ao historiador o entendimento dos episódios e dos costumes daquele período. A História pode auxiliar na procura pelos motivos de um acontecimento, determinando seu ponto de início. Outra maneira de ser utilizada é para a explicação de um fato atual ou de um antigo, que deixou certos quesitos a serem solucionados. (PONTES, 2008, p. 13-15). Como abordei a Segunda Guerra Mundial, utilizei a História a fim de compreender a época e as mudanças sofridas pelos entrevistados que permanecem até hoje.

À princípio, as fontes selecionadas eram pessoas que vieram para o Brasil

durante ou logo após a Segunda Guerra Mundial. Então, de acordo com seus perfis, seriam imigrantes e refugiados idosos, que eram jovens na época e tiveram que se mudar de suas respectivas nações, devido às circunstâncias. Ademais, apesar dos refugiados daquele período serem o centro do enredo, também pretendia conversar com algum especialista da área com o propósito de obter uma maior compreensão dos fatos. Ainda que não fossem utilizadas todas as informações, seria relevante para eu conseguir imaginar o contexto e escrever sobre o assunto com mais propriedade.

2.2. PRODUÇÃO

A procura por fontes teve início com comunicações e indicações de conhecidos. Todavia, o processo levou mais tempo do que o previsto. Contudo, devido às pessoas próximas, consegui três fontes, com as quais combinei entrevistas: uma senhora japonesa, um senhor japonês e um casal de italianos. No final, todos cancelaram – a primeira ficou com problemas de saúde, o segundo não se recordava de muitos detalhes e os cônjuges não ficaram confortáveis com as suas histórias serem colocadas em um livro, mesmo com pseudônimos. Enfim, a primeira entrevista realmente realizada foi com Helmut Schippers, um alemão que nasceu em 1941 e veio para o Brasil em 1979. Como havia nascido durante a guerra, ele não se recordava de muitas informações que pudessem render para o livro e, por isso, decidi que seria melhor não usar seu relato. Posteriormente, ainda na busca por personagens, coloquei postagens em grupos da rede social *Facebook* perguntando se alguém conhecia uma pessoa com o perfil desejado – porém, não tive um grande retorno.

Durante esse tempo, comecei também a pesquisar e entrar em contato com mestres e doutores em Segunda Guerra Mundial. Contudo, a maioria dos graduandos em História que encontrei não tinham especialização no tema. Por fim, consegui conversar com a Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Tucci Carneiro, que me ajudou posteriormente na busca por fontes. Além de ser historiadora e Professora Livre Docente em Ciências Humanas pela FFLCH-Universidade de São Paulo, ela é coordenadora geral do Núcleo de Estudos do Arquivo Virtual sobre Holocausto e Antissemitismo (Arqshoah). Portanto, como o site já contava com uma base de dados a respeito de sobreviventes, refugiados e exilados que vivenciaram o fascismo e nazismo, a professora me auxiliou a estabelecer uma comunicação direta com esses indivíduos.

Embora eu não soubesse ao certo quantas fontes desse estilo seriam necessárias, ao analisar o site, pude fazer uma seleção de personagens que eu

acreditava que seriam interessantes para a narrativa. Ao finalizar a lista, a especialista me passou os e-mails de cada um. Algumas dessas pessoas já haviam falecido e outras estavam impossibilitadas de me conceder uma entrevista por motivos de saúde. Por fim, sete pessoas me responderem prontamente e foram muito solícitas. Um dos entrevistados era Arie Czertok, nascido na China em 1948 (ou seja, veio ao mundo apenas após a guerra) e, apesar de sua família ter vivido na Polônia durante os acontecimentos, suas descrições não foram muito profundas sobre o conflito, tendo mais enfoque no refúgio na China.

Posteriormente, quando entrevistei somente mulheres, me encantei por cada história e observei a luta de todas em meio a tantas transformações. Então, decidi que, ainda que a história de Arie fosse relevante para a época, seria mais instigante restringir o livro em memórias só de personalidades femininas. Todas são as personagens principais, porém, elas têm perspectivas e vivências diferentes sobre o ocorrido. A ideia inicial era encontrar fontes de várias nacionalidades, principalmente daquelas citadas na contextualização deste relatório. Todavia, ainda que não tenha sido possível realizar o planejado, acredito que consegui diversificar as origens das entrevistadas. Isso foi essencial para transmitir diferentes pontos de vista do terror que pairava pelo mundo.

Para conseguir captar todos os relatos detalhadamente sobre seus trajetos e influências trazidas pela guerra, precisei conversar com algumas dessas mulheres em mais de um momento. Vale ressaltar também que, em razão da pandemia do COVID-19, grande parte das entrevistas foram realizadas virtualmente. A primeira foi com Ruth Sprung Tarasantchi, nascida na antiga Iugoslávia, atual Bósnia-Herzegovina, em 1933 e veio para o Brasil em 1947. Infelizmente, assim que concluímos a conversa por videochamada, os programas do computador e do celular que estavam gravando todo o relato acabaram sendo danificados. Por isso, embora eu tivesse anotações, marcamos outra conversa. Devido a esse incidente, me certifiquei que as seguintes entrevistas não fossem prejudicadas.

A segunda fonte a participar de uma chamada virtual comigo foi Ariella Pardo Segre, italiana que nasceu em 1940 e chegou no Brasil em 1960. A entrevista seguinte foi a única efetuada pessoalmente. Christa Büger já era um contato que eu havia conseguido com um de meus familiares, quando o projeto estava apenas sendo ponderado. Christa é uma alemã de 1945, que se deslocou em 1953 com sua família. Como estávamos seguindo todos os protocolos, a fonte, que pouco entende de

tecnologia, preferiu que eu fosse em sua residência. As entrevistas, divididas em dois dias, foram efetuadas de máscaras e com o distanciamento necessário.

A próxima entrevistada foi Anita Leocádia Prestes, filha de Olga Benário Prestes e Luís Carlos Prestes, nascida em 1936 em uma prisão para mulheres na Alemanha. Ela se transferiu para o Brasil em 1945, ainda no ano da Segunda Guerra Mundial. A italiana Magda Fenyves Sadalla, que nasceu em 1933 e imigrou para o Brasil em 1941, foi a quinta personalidade com que conversei. A última fonte a ser realizada uma entrevista foi Michelle Schott – antes de se casar utilizava o nome Michelle Gilberte Marie Buyck –, uma francesa nascida em 1934, que chegou no Brasil em 1948.

Uma das partes importantes foi a documentação, pois pesquisei informações mais aprofundadas a respeito da chegada dos imigrantes no país e separei as fotos e documentos das fontes. Além disso, fiz a apuração na internet, uma vez que eu buscava saber a veracidade dos relatos das entrevistadas de acordo com os dados históricos, compreender uma forma de incluir suas vivências com o contexto da época e explicar melhor para os leitores os locais por onde elas percorreram.

Com exceção da seção final em que me posiciono em certos trechos como uma participante, a peça foi narrada em terceira pessoa e de modo observador. A literatura, utilizada como forma de escrita, ajuda quem lê a imergir nas histórias e até mesmo a se colocar na posição dos refugiados da época. Sendo assim, trouxe detalhes que ficaram, por maior parte, por conta dos entrevistados e por minhas observações a respeito de suas características e de seus registros exibidos. Essa minuciosidade dá uma visão mais ampla do cenário, auxiliando o leitor a se situar sobre o fato relatado. No enredo, também foi necessário acrescentar diálogos. Para isso, como apresentei na metodologia, tive como as minhas principais inspirações: *A Sangue Frio* (CAPOTE, 2003), *Hiroshima* (HERSEY, 2002) e *O Voyeur* (TALESE, 2016).

Com a finalidade de evitar uma narrativa convencional e segmentada em um personagem por capítulo, planejei unir as histórias nos mesmos temas e delimitá-las dentro de cada capítulo. Logo, o livro foi separado em cinco partes: a primeira é sobre o período anterior à guerra e/ou as primeiras lembranças do confronto; a segunda conta com os momentos durante o período; a terceira mostra o motivo da decisão de suas mudanças para o Brasil e seus percursos; a quarta relata a chegada no território brasileiro, suas primeiras impressões e as mudanças sofridas ao longo do tempo; e a quinta (e última parte) trata de apresentar como as vidas dessas mulheres estão

atualmente. Em vista disso, ainda que as personalidades femininas tenham suas próprias trajetórias, de certa forma, elas estão atreladas dentro dos capítulos, propiciando certa curiosidade ao leitor.

Na finalização do produto, além de uma dedicatória, elaborei um prefácio com uma breve apresentação do que o livro retrata. Ademais, a orelha foi construída como uma curta biografia sobre a autora. Para a contracapa, solicitei ao meu colega jornalista Mateus Ribas para que escrevesse anonimamente uma síntese do livro. Devido ao leitor não ter tanta proximidade com o escritor não identificado, considero que passa uma maior seriedade ao texto.

2.3. PÓS-PRODUÇÃO

Após terminar a composição do livro-reportagem, tive que criar um títulos para o livro e para os capítulos. Conforme combinado com a minha orientadora, decidimos que seria melhor que o nome da publicação combinasse com a linguagem literária presente na publicação. “Caminhos após o clarão” representa, de maneira subjetiva, os trajetos que todas as personagens tiveram que percorrer, posteriormente aos conflitos bélicos – a palavra “clarão” remete à claridade causada pela explosão da bomba. Por outro lado, vocábulo também pode trazer a ideia de que, mesmo com as dificuldades, essas mulheres vivenciaram transformações em seus âmbitos familiares e profissionais em um território, como uma “luminosidade” no final do túnel, que elas nunca imaginariam enxergar depois de tantas tragédias. Além disso, um subtítulo foi adicionado para que os potenciais leitores possam compreender o que o livro realmente mostra: “Histórias de seis mulheres que sobreviveram à Segunda Guerra Mundial”. A escolha da nomeação dos capítulos foi pensada para que fosse igualmente mais abstrata, porém, que ainda demonstrasse o assunto subsecutivo.

Durante o processo de produção, procurei alguém que ficasse responsável pela ilustração na capa e pela diagramação do meu livro-reportagem. Depois de algumas indicações, devido à proposta exibida, escolhi a profissional Luiza Carvalho Pelorca para tratar dos aspectos gráficos.

Na capa, eu desejava uma imagem elaborada pela própria designer. Depois de algumas sugestões, optei por um fundo vermelho para remeter ao sangue das perdas da Segunda Guerra Mundial. No centro, estão as representações artísticas das personagens principais, baseadas em imagens atuais de cada uma que encaminhei para a desenhista. Elas estão em cores neutras, como branco, cinza e preto, apenas

para mostrar a diferença entre elas, sem tirar o foco de que as mudanças em suas vidas foram causadas pelo conflito. Ao fundo, pode-se observar os aviões – muito usados no confronto – na cor preta. A fonte do título e sua cor branca foram selecionadas, pois acredito que sobressai à figura e chama a atenção daqueles que forem ler. Enquanto isso, o meu nome se encontra em vermelho.

Na contracapa também há desenhos de prédios destruídos – bem como há na capa, cobertos pelas personalidades –, mostrando uma realidade do período, embora não sejam fundamentados em fotos factuais. Por tratar-se de uma grande guerra, as ilustrações têm que transmitir uma sensação mais sombria, ou seja, contêm tons mais escuros, como o vermelho e o preto em destaque. Assim como na capa, a cor utilizada na fonte do texto da contracapa é a branca.

Em relação aos materiais ilustrativos dentro do livro, utilizei as fotografias que as personagens me forneceram do período retratado. Alguns outros documentos e fotos também foram disponibilizados pela Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Tucci Carneiro, pela filha de Magda Fenyves Sadalla, Inês Sadalla, e pela sobrinha de Christa Büger, Elke Büger. No último capítulo foram colocadas imagens recentes das entrevistadas para mostrar aos leitores como elas se encontram na atualidade. Também foram analisadas duas maneiras para que o leitor compreendesse a mudança de personagem no meio de cada capítulo: a colocação de diferentes ícones ou seis pequenos círculos preenchidos com preto de acordo com a ordem dos perfis. Ao final, a segunda opção foi a escolhida. Ao longo deste procedimento, também defini que a tipografia em todas as áreas, não somente no texto, seriam mais clássicas.

Posteriormente à conclusão deste produto, a graduada em Letras, Laís Pedroso, ficou encarregada de revisar o livro para que realmente não houvesse nenhum erro ao ser publicado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do projeto, apesar das dificuldades em encontrar fontes, não desejei alterar de modo algum o meu tema, pois considerava que seria uma discussão relevante para a sociedade. Com a demora do começo da produção, minha orientadora me informou que talvez fosse mais simples montar um site. Contudo, desde que comecei o curso de Jornalismo sonhava em elaborar um livro. Além do mais, ao longo da graduação, algumas aulas me despertaram maior interesse nesse tipo de escrita, principalmente a de “Grande Reportagem”. Por isso, resolvi

permanecer com a ideia inicial e ainda bem que o fiz, pois fiquei muito contente com a finalização da obra.

Depois de certas adversidades no decorrer deste trabalho – como já foi citado no desenvolvimento da peça –, considero que não poderia ter feito nada diferente. Durante o período de apuração de dados, a única indagação que restou foi em relação à quantidade limitada de materiais sobre as mulheres imigrantes e refugiadas daquela época, que considero ser um assunto importante para o debate da sociedade.

No que diz respeito às entrevistadas, elas foram muito solícitas em todos os momentos, sempre me informando flexibilidade no horário para as conversas e para o fornecimento de imagens e documentos. Embora tivéssemos um relacionamento mais traçado para o âmbito profissional, as mulheres eram gentis e acabavam se interessando por saber um pouco da minha trajetória também, desta forma, adquiri certo apreço por cada uma. Todavia, a alemã Christa Büger foi a fonte com a qual eu tive mais proximidade, possivelmente devido ao fato de ter sido a única entrevista realizada pessoalmente no decurso deste produto e a nossa partilha de uma conhecida em comum. Por algum motivo, a italiana Magda Fenyves Sadalla também me cativou, a qual ainda manteve contato por meio do aplicativo *WhatsApp*.

Após o desenvolvimento do livro-reportagem *Caminhos após o clarão: Histórias de seis mulheres que sobreviveram à Segunda Guerra Mundial*, acredito que foi possível responder a pergunta-problema que conduziu todos os processos, pois, ao utilizar a linguagem literária na produção, a narrativa ficou repleta de detalhes que não poderiam ser colocados em uma matéria do cotidiano. Portanto, foi capaz de mostrar a fundo todo o contexto e o ponto de vista de cada personagem.

Para dar seguimento ao projeto, se faz necessário escolher uma editora que fique interessada em publicar o meu livro. Simultaneamente, também desejo publicar minha peça em plataformas digitais, como na plataforma *Kindle*, da *Amazon*. Depois dos processos avaliativos, tenho a intenção de encontrar autores ou jornalistas brasileiros para que escrevam sobre suas impressões da história na contracapa. Por isso, a contracapa já existente faria parte da outra orelha. Com os comentários de profissionais da área, acredito que meu livro terá maior prestígio.

Com a peça publicada, o meu intuito é atingir um certo público-alvo: leitores que tenham curiosidade em aprender sobre guerras, sobretudo a Segunda Guerra Mundial, e se interessem por histórias que não têm tanta repercussão na grande mídia. Por se tratar de um tema de interesse geral, acredito que o público-alvo ainda

seja bem amplo, de forma que tanto o gênero feminino quanto o masculino compõem parte do público. A classificação indicativa dos leitores seria a partir de jovens adultos, uma vez que a linguagem e a temática não serão tão atrativas para o público infantil. Os estudantes a partir do ensino médio já teriam maior interesse por esse estilo de leitura. Ademais, futuramente, a procura por esse livro-reportagem também poder estar associada a universitários que desejam usar como meio de informações e dados para futuros trabalhos acadêmicos.

Dado que o jornalismo é necessário para a composição da História e o livro-reportagem é capaz de trazer uma perspectiva diferente acerca do assunto retratado antigamente – como já foi indicado na parte introdutória –, tive a intenção de mostrar outros aspectos da guerra com os pontos de vista das fontes. Portanto, ao narrar o contexto baseado nos relatos das personalidades femininas, a ideia era utilizar o jornalismo como espécie para o resgate da História, apresentando novas informações ao tema estudado – relevante para a compreensão da época e do próprio ser humano.

Dessa forma, a produção deste livro não significa apenas um trabalho interligado à minha finalização do curso de Jornalismo, mas, principalmente, um período significativo, no qual eu pude me debruçar sobre diversos temas para elaborar um texto brevemente mais aprofundado sobre aquela época e colocar em prática os aprendizados que obtive no decurso da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Ao perceber a minha capacidade, também consegui entender o meu verdadeiro propósito como profissional. Por isso, pretendo me aprimorar no estilo de escrita para que no futuro eu possa prosseguir na produção de outras obras.

REFERÊNCIAS

- ARQSHOAH. Disponível em: <https://www.arqshoah.com/>. Acesso em: 19 nov. 2021.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 745-772, 11 set. 2007. Triannual. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000300015/1482>. Acesso em: 14 out. 2021.
- BASTOS, Sênia; SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. **A imigração polonesa para São Paulo no pós-Segunda Guerra Mundial no quadro das entradas dos "deslocados de guerra": 1947 a 1951**. Revista Brasileira de Estudos de População, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 151-167, jan./jun. 2014. Fluxo Contínuo. Disponível em: https://rebep.org.br/revista/issue/view/55/pdf_624. Acesso em: 12 set. 2020.
- BAUER, Udo. **A Segunda Guerra Mundial em números**. 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-segunda-guerra-mundial-em-n%C3%BAmeros/a-50212146>. Acesso em: 5 set. 2020.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017. 139. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1221/pdf/0?code=DY5LgersVVL0c8/hDHRNZSNVHHJBvRO30C7r/y0IIJPT3+KUq8txP2KA4Ch06iw0r4xOpLTWEmGQATNJXGPb3g==>. Acesso em: 10 out. 2020.
- BORTOLI, Suzana Rozendo. **"Jorge Kanehide Ijuim": Sobre o jornalismo humanizado**. Revista Alterjor, [São Paulo], v. 13, n. 1, p. 5-13, 02 maio 2016. Semestral. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/114108/112902>. Acesso em: 10 out. 2020.
- CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 440 p.
- COGGIOLA, Osvaldo Luiz Angel. **A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL – CONFLITO E VIOLÊNCIA**. Revista Produção Acadêmica, Tocantis, v. 1, n. 3, p. 92-122, 24 ago. 2017. Semestral. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/producaoacademica/article/view/4047/11471>. Acesso em: 03 out. 2020.
- DOMINGUES, Juan. **Novo jornalismo: reflexões sobre a relação entre reportagem e romance**. Conexão - Comunicação e Cultura, Caxias do Sul, v. 12, n. 24, p. 187-204, jul./dez. 2013. Semestral. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/2458/1541>. Acesso em: 10 out. 2020.
- ENRICONI, Louise. **Imigrante, refugiado e asilado: quais são as diferenças?** 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/refugiados-imigrantes-e-asilados/>. Acesso em: 18 out. 2021.
- GASPARETTO JUNIOR, Antonio. **Aliados**. s.d. Disponível em: <https://www.infoescola.com/segunda-guerra/aliados/>. Acesso em: 4 set. 2020.

GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo**. São Paulo: Casa da Palavra (Leya), 2014. 1274 p. Versão para Kindle.

HASSE, Franciane; SPERANDIO, Marilin Soares. **O Holocausto e a Tolerância: Uma análise a partir de Arendt, Rawls e Walzer**. Revista Direito e Paz, Lorena, v. 1, n. 34, p. 337-355, 02 dez. 2016. Semestral. Disponível em: <http://www.revista.unisal.br/lo/index.php/direitoepaz/article/view/392/259>. Acesso em: 04 out. 2020.

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 172 p.

HILBERG, Raul. **A Destruição dos Judeus Europeus, Volume 2**. São Paulo: Amarilys, 2016. 1661 p. 2 v. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788520451229>. Acesso em: 04 out. 2020.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil: 500 anos de povoamento**. 2020. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1945-1959.html>. Acesso em: 5 set. 2020.

KOIFMAN, Fabio. **Imigrante ideal: o ministério da justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 638 p. Versão para Kindle.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. São Paulo: Manole, 2009. 486 p.

MAGALHÃES, Mirian; PIMENTA, Nathália. **Jornalismo literário e as narrativas dos dramas reais**. Curitiba: Appris, 2018. 67 p.

MONTIPÓ, Criselli. **Jornalismo, ética e humanização: reflexões sobre a tríplice tessitura**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. Intercom. Recife: Anais, 2011. p. 1-13. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1228-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

MORAIS, Pâmela; CALIXTO, Luiza. **A Segunda Guerra Mundial e seus impactos a nível global**. 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/segunda-guerra-mundial/>. Acesso em: 4 set. 2020.

OLIVEIRA, Ione. Imigrantes e Refugiados para o Brasil após a Segunda Guerra Mundial. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 17., 2013, Natal. **Anais Trabalhos**. Natal: Anpuh Brasil, 2013. p. 1-16. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371328609_ARQUIVO_Refugia doseimigrantes-Anpuh-2013.pdf. Acesso em: 5 set. 2020.

PAZ, Adriana de Souza; FERREIRA, Ludyanne da Silva; SIMAS, Hellen Cristina Picanço. Jornalismo Literário: análise da obra Hiroshima de John Hersey. **Revista Decifrar**, Amazonas, v. 5, n. 9, p. 4-21, jan./jun. 2017. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/Decifrar/article/download/3844/3430/>. Acesso em: 12 set. 2020.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006. 142 p. Disponível em:

<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1220/pdf/0?code=/BH7Yp41efQ3rMA4OgKJtSI0+BGQTjT+DT5/3UEFeC5dcsCfY+97YE+w05vdiNI9LsOR+Nh5Y+ONRcHalxVkyw==>. Acesso em: 10 out. 2020.

PERES, Roberta Guimarães; BAENINGER, Rosana. Migração Feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais Eletrônicos**. Florianópolis: Anais Eletrônicos, 2013. p. 1-14. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1386697149_ARQUIVO_RobertaGuimaraesPeres.pdf. Acesso em: 13 out. 2021.

PONTES, Felipe Simão. Do Jornalismo e da História à História do Jornalismo. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 6., 2008, Niterói. **Anais [...]**. [Porto Alegre]: Alcar, 2008. p. 1-21. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Do%20Jornalismo%20e%20da%20Historia%20a%20Historia%20do%20Jornalismo.pdf>. Acesso em: 28 out. 2020.

RODRIGUES, Felipe Aparecido. **Livro-reportagem: uma abordagem sobre a cobertura da violência no Brasil**. 2010. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/download/dissertacoes/Felipe%20Aparecido%20Rodrigues.pdf>. Acesso em: 06 out. 2020.

ROMANCINI, Richard. História e Jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. In: CONGRESSO ANUAL DA INTERCOM, 18., 2005, Rio de Janeiro. **Anais Trabalhos**. Rio de Janeiro: Intercom, 2005. p. 1-20. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/122249574361870493823267864101513504895.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.

SALLES, Maria do Rosário R.. Imigração e Política Imigratória Brasileira no Pós-Segunda Guerra Mundial. **Revista de Imigração e Colonização**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 99-124, 01 jan. 2002. Semestral. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/75280/78786>. Acesso em: 6 out. 2020.

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen; BASTOS, Sênia; PAIVA, Odair Cruz; PERES, Roberta Guimarães; BAENINGER, Rosana (org.). **Imigrantes internacionais no pós-Segunda Guerra Mundial**. Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Universidade Estadual de Campinas, Faculdade Anhembi Morumbi, Universidade Federal de São Paulo, 2013. 48 p. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/colecaoSP/VOLUME_11.pdf. Acesso em: 14 out. 2021.

SANTOS, Joana da Silva. **Literatura e Jornalismo literário: semelhanças e diferenças**. 2017. 66 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Jornalismo, Departamento de Comunicações e Artes, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2017. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/7860/1/5511_11197.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

TALESE, Gay. **Voyeur**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 270 p.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2010. 832 p.

WEISE, Angélica Fabiane. Jornalismo Literário: análise de reportagens de José Hamilton Ribeiro na revista Realidade. **Anagrama**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 1-16, 03 mar. 2013. Semestral. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/52396/56390>. Acesso em: 16 nov. 2020.

WINCH, Rafael Rangel. Contribuições teóricas de Cremilda Medina para pensar complexamente o jornalismo. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, [Ponta Grossa], v. 5, n. 2, p. 89-105, 21 dez. 2018. Semestral. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/12277/209209210530>. Acesso em: 12 out. 2020.

ZANONI, Anelise. Imigrante ou refugiado: diferentes perspectivas de vida. **Revista do Instituto Humanistas Unisinos**, São Leopoldo, v. 10, n. 362, p. 25-27, 23 maio 2011. Periodicidade Irregular. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/184332/000818463.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 out. 2021.

APÊNDICES

Apêndice I – Autorizações de uso de imagem e voz




AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, ANITA LEOCADIA PRESTES, portadora do RG Nº 1.492.888-1 e CPF Nº 059.050.957-87, autorizo, o uso da minha imagem e voz, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização em arquivos físicos e online do Trabalho de Conclusão de Curso e do livro-reportagem de Renata Pereira Catrinacho.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer outro.

São Paulo, 22 de SETEMBRO de 2021

ANITA LEOCADIA PRESTES
Cedente

 ariellasegre <ariellasegre@uoi.com.br>
03/10/2021 20:19

Para: Renata Catrinacho

AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, ARIELLA PARDO SEGRE, portadora do RG Nº 2726673_SSP SP e CPF Nº 171415208/13, autorizo, o uso da minha imagem e voz, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização em arquivos físicos e online do Trabalho de Conclusão de Curso e do livro-reportagem de Renata Pereira Catrinacho.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer outro.

São Paulo, 03 de 10 de 2021.

Cedente



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Anita Leocadia Prestes, portadora do RG Nº 1.492.888-1 e CPF Nº 059.050.957-87, autorizo, o uso da minha imagem e voz, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização em arquivos físicos e online do Trabalho de Conclusão de Curso e do livro-reportagem de Renata Pereira Catrinacho.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer outro.

São Paulo, 22 de Setembro de 2021

Anita Leocadia Prestes
Cedente

AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO			
INÊS FENYVES SADALLA			
Eu, portador do RG Nº	050813 118-98	CPF Nº	6535975-6 ST/SP
autorizo, o uso da imagem e voz de minha mãe			
Magda Fenyves Sadalla, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização em arquivos físicos e online do Trabalho de Conclusão de Curso e do livro-reportagem de Renata Pereira Catrinacho.			
Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que haja haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem e voz de Magda Fenyves Sadalla ou a qualquer outro.			
São Paulo 26 de 09 de 2021			
<i>Luiz Lourenço Salles</i> Cedente			

De: [Maria Luiza Tucci Carneiro](#)

Enviado: quarta-feira, 22 de setembro de 2021 15:48

Para: [Renata Catrinacho](#)

Assunto: Re: TCC Renata Catrinacho - autorização imagens

Prezada Renata, Fico feliz que vc está chegando ao final do seu TCC.

Para autorizar, preciso que vc nos envie uma cópia (em baixa) das imagens do seu interesse, com o link que está no Arqshoah.

Este link com a respectiva legenda e créditos deverão constar do seu trabalho.

Att.

Profa. Tucci

From: Michelle [mailto:mschott@sti.com.br]
Sent: Wednesday, September 22, 2021 6:51 PM
To: Renata Catrinacho <RCatrinacho@aviareps.com>
Subject: [External] AUTORIZAÇÃO

Querida Renata

Eu desejo tudo de bom para você , e sucesso !!!!!!!

Claro que pode usar as fotos e se precisar de mais alguma coisa, me informa.

Beijos
Michelle

RG : (RNE) Registro Nacional dos Estrangeiros W274018-J

CPF : 230.884.598-80

AUTORIZAÇÃO PARA CESSAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu Ruth Sprung Tanasanteli portador do RG Nº 16780177 e CPF Nº 740144778-00 autorizo, o uso da minha imagem e voz, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização em arquivos físicos e online do Trabalho de Conclusão de Curso e do livro-reportagem de Renata Pereira Cabrincho.

Por esta ser a expressão de minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer outro.

São Paulo, 22 de 09 de 2021

Ruth Sprung Tanasanteli
Ocidente

DCL - Centro de Comunicação e Letras
Rua Paul, 143 - 2 andar - CEP: 01241-001 - Higienópolis - São Paulo - SP
contato@uol.com.br - www.uol.com.br - Fones: 011-4532-6111 / 8128